Tu e *você* na variedade rio-branquense

Tu and *você* in the Rio Branco variety

Marinete Rodrigues da Silva*
Roberto Gomes Camacho**

RESUMO

Propomos neste artigo examinar o uso dos pronomes *tu* e *você* em referência à segunda pessoal do singular no falar rio-branquense, capital do estado do Acre, com a finalidade de verificar se há uma alternância estável entre as duas formas ou uma tendência para o desaparecimento do pronome *tu* em um possível processo de mudança linguística. O *corpus* utilizado é o banco de dados do Projeto "Estudo da Fala Urbana de Rio Branco", composto por entrevistas da fala natural, coletadas entre 1998 e 2011. A análise dos dados partiu dos pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista laboviana (2008 [1972]). A estratificação da amostra permite constatar que quatro formas se manifestam na fala rio-branquense como pronomes de 2ª pessoa: *tu, você, ocê e cê.* Os resultados obtidos permitem afirmar que o pronome *você* e suas variantes é usado com maior frequência que o pronome *tu* e que o uso de *tu*, também fortemente presente, não ativa concordância de pessoa no verbo. Isso nos leva a concluir que a variedade falada em Rio Branco é do tipo "você/tu sem concordância" (SCHERRE et al., 2015). Há, inclusive, indícios de que, por ter seu uso favorecido por informantes com grau mais elevado de escolaridade. a forma inovadora *você* dispõe de maior grau de prestígio do que a forma conservadora *tu*.

Palavras-chave: variação linguística; referência à segunda pessoa; pronome.

Recebido em 18 de dezembro de 2024.
Aceito em 21 de janeiro de 2025.

DOI: https://doi.org/10.18364/rc.2025n69.1447

* Universidade Federal do Acre-campus de Alta Floresta, neety2303@gmail.com, http://orcid.org/0000-0001-5242-8509

** Universidade Estadual Paulista-Campus de São José do Rio Preto, roberto.camacho@unesp.br, http://orcid.org/0000-0002-8897-7953

ABSTRACT

In this article we propose to examine the use of the pronouns *tu* and *você* in reference to the second person singular in the speech of Rio Branco, the capital of the state of Acre, with the aim of verifying whether there is a stable alternation between the two forms or a tendency for the pronoun *tu* to disappear in a possible process of linguistic change. The corpus used is the database of the "Study of Urban Speech in Rio Branco" project, made up of natural speech interviews collected between 1998 and 2011. Data analysis was based on the theoretical assumptions of variationist sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]). The stratification of the sample shows that four forms are used as 2nd person pronouns: *tu*, *você*, *ocê* and *cê*. The results show that the pronoun *você* (and its variants) is used more frequently than the pronoun *tu*, and that the use of *tu*, which is also strongly present, does not activate person agreement in the verb. This leads us to conclude that the variety spoken in Rio Branco is of the "*você*/*tu* without agreement" type (SCHERRE et al., 2015). There are even indications that, because its use is favored by informants with a higher level of education, the innovative form *você* has a higher degree of prestige than the conservative form *tu*.

Keywords: linguistic variation; second person reference; pronoun;

Considerações iniciais

Os resultados do ALiB (CARDOSO ET AL., 2014) e das pesquisas de Menon (2000) permitem constatar a existência de uma grande diversidade de uso das formas *tu* e *você* no português brasileiro, o que nos levou a propor a realização de um estudo das formas pronominais *tu* e *você* em posição de sujeito (SILVA, 2019). O objetivo específico de ancorar o fenômeno nesse contexto variável pressupõe, em primeiro lugar, examinar como se dá essa alternância na variedade acreana de Rio Branco e, em segundo lugar, comparar os resultados da variedade rio-branquense com alguns resultados de outras variedades, principalmente as circunscritas à Região Norte e nordeste que aparecem na literatura.

Em termos diacrônicos e sociais, um dos principais interesses desta pesquisa é verificar se o fenômeno investigado – a alternância entre *tu* e *você* – especialmente o uso de *tu* – constitui uma herança social de dialetos

nordestinos, se considerarmos que a população hoje conhecida como acreana foi, historicamente, constituída por migrantes nordestinos – especialmente cearenses – que chegaram ao Acre durante o período áureo de exploração da borracha entre 1880-1913 (TOCANTINS, 2001).

No desenvolvimento deste trabalho, procuraremos dar explicações adequadas a esse fenômeno de variação pronominal, proporcionando, indiretamente, uma compreensão mais precisa da variedade rio-branquense, isto é, em termos linguísticos, do processo em si de variação, e em termos da história social, da origem da variação. Sabe-se que o discurso que se coleta dos membros de uma comunidade fornece indícios de sua organização social e linguística, uma vez que, estudar a variedade de uma comunidade específica, nesse caso a comunidade rio-branquense, requer olhar para a cultura linguística e para a identidade social de seus falantes.

Para enfatizar a relevância deste trabalho mencionamos aqui os estudos de Lopes (2007) e Gonçalves (2012). Em sua pesquisa sobre a variação nos pronomes de segunda pessoa, Lopes (2007) prevê a necessidade de se proceder a uma investigação desse processo justamente no Norte do Brasil, que, capaz de fornecer uma análise mais aprofundada dos fatores externos, possa favorecer estudos comparativos do fenômeno em variação com base em diversos dialetos geográficos do Brasil. Ao discutir a importância dos estudos sociolinguísticos, Gonçalves (2012), por sua vez, salienta que eles estão longe de compor um retrato sociolinguístico completo não apenas do português paulista, mas também do Português Brasileiro (PB). Se isso for verdadeiro para o conhecimento da variedade paulista, o que dizer, então, da realidade dialetal do Acre? Esse estado de coisas mostra a relevância de pesquisas sobre a variedade acreana de Rio Branco, que permita fornecer, no futuro, uma fotografia sociolinguística panorâmica das diferenças dialetais do português brasileiro.

Scherre et al. (2015) elaboraram um mapeamento sociolinguístico da variação dos pronomes *tu* e *você*, chegando a uma síntese dos subsistemas propostos: 1. Subsistema só *você*: uso exclusivo das formas *você/ocê/cê*; 2.

Subsistemas mais *tu* com concordância baixa: uso médio de *tu* acima de 60% com concordância abaixo de 10%. 3. Subsistema mais *tu* com concordância alta: uso médio de *tu* acima de 60% com concordância entre 40% e 60%. 4. Subsistema mais *tu*/*você* com concordância baixa: uso médio de *tu* abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%. 5. Subsistema *tu*/*você* com concordância média: uso médio de *tu* abaixo de 60% com concordância entre 10% e 39%. 6. Subsistema *você/tu*: *tu* de 1% a 90% sem concordância (SCHERRE et al. 2015, p. 138-9).

Caracteriza o Acre, segundo as autoras, o subsistema "*você/tu* sem possibilidade de concordância" diferentemente da variação de outras variedades do Norte, sem evidências no uso real da própria variedade de Rio Branco, o que constituiu uma justificativa adicional para a realização deste trabalho. Pretendemos enfocar a variável *tu* e *você* na variedade rio-branquense com a finalidade de fornecer uma visão ainda inédita de uma parte significativa da realidade da variedade acreana. Em termos mais gerais, esta proposta pretende verificar, em primeiro lugar, como hipótese geral, em que subsistema pronominal a variedade em estudo se enquadra com base no mapeamento proposto por Scherre et al. (2015), embora já haja indícios seguros de que o subsistema em uso no Acre é de fato o tipo você/tu sem possibilidade de concordância**.**

Antes de prosseguir, talvez seja útil abrir um parêntese para esclarecer o conteúdo da expressão "*tu* sem possibilidade de concordância".

Segundo Carvalho (2017), um pronome é o reflexo de diferentes tipos de traços, que determinam suas características e, consequentemente, definem seu comportamento sintático. Tradicionalmente, são os traços morfossintáticos, representados na literatura linguística pela letra grega φ, que codificam informação de pessoa, número e gênero. Todos estes traços, justamente por serem considerados formativos do pronome, participam do mecanismo sintático de concordância.

Harley e Ritter (2002 apud CARVALHO, 2017) propõem uma decomposição dos tradicionais traços φ para dar conta da variabilidade encontrada interlinguisticamente. Uma teoria com essas premissas implica

subespecificação no sentido de que um dado elemento R pode não apresentar todos os traços apesar de tê-los disponíveis em seu inventário.

Os reflexos de tal deficiência são sentidos sintaticamente, em termos de como funciona o mecanismo de concordância, uma vez que um pronome deficiente pode entrar com todo o êxito em uma relação de concordância. O pronome *tu*, por exemplo, dispõe dos traços participante/ouvinte, pessoa (2ª pessoa) e individuação (número), mas, numa língua qualquer ou variedade de uma língua, esse traço pode ser subespecificado na sintaxe, de modo que a concordância no verbo seja a não marcada, que é a de 3ª pessoa. Não se trata, então, de ausência de concordância, mas de subespecificação de traços do pronome na sintaxe.

Feito esse parêntese, uma segunda hipótese relevante que pretendemos investigar é se o uso da forma pronominal *tu* na variedade rio-branquense é de fato uma herança da colonização nordestina trazida na época do surto da borracha, já que os dados do ALiB (CARDOSO ET AL., 2014) comprovam, que nas variedades nordestinas, o pronome *tu* é mais usado que nas outras regiões do Brasil.

Este trabalho se organiza da seguinte maneira: na seção 1, discutimos as formas possíveis de referência à segunda pessoa; na seção 2, tratamos de apresentar o contexto social e os procedimentos metodológicos da pesquisa; na seção 3, procedemos a uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, apresentando os resultados gerais comparativos entre a comunidade rio-branquense e outras comunidades da Região Norte, assim como a discussão dos resultados do uso dos pronomes *tu* e *você* especificamente na comunidade rio-branquense; finalizamos este trabalho com as Considerações Finais fazendo um balanço dos resultados em relação à confirmação ou à rejeição das hipóteses formuladas.

1. Os pronomes *tu* e *você*

Diacronicamente, os pronomes *tu* e *você* apresentam formas equivalentes em outras línguas de origem latina. No latim, para as formas

de tratamento, a forma *vos* era usada tanto para um único interlocutor, quanto para mais de um interlocutor em situações formais; já a forma *tu* era utilizada apenas para um interlocutor em situações informais (MENON, 1995; FARACO, 2017). De acordo com Menon (1995) tal simplificação dos paradigmas nominais, que já se deu antes, estaria acontecendo novamente no PB, em relação às formas *tu* e *você*. Diferente do latim, em Portugal é somente no século XIII que o soberano era tratado por *vós*. Aos poucos, outras formas pronominais foram surgindo e o pronome *vós* foi lentamente sendo substituído pelas formas "Vossa + Nome", tendo sido uma delas, a forma "Vossa Mercê" (presente nos textos desde o século XII, cf. MENON, 1995).

Lopes e Duarte (2003, p. 1-2) salientam que o tratamento com *merced* já podia ser encontrado em textos de espanhóis do século XIII, tendo surgido, assim como em Portugal, em virtude da decadência do uso de *vós* como tratamento cortês. A ascensão da burguesia e o consequente enfraquecimento do sistema feudal deram origem a fortes mudanças na vida social e cultural da corte e, principalmente, transformaram o rei em uma figura única. Daí surgiu a necessidade de *vós* denotar uma entidade referencial única. No início era *Vossa Mercê* e depois surgiram outras formas de deferência e respeito. Com o tempo, essa forma pronominal passou a ser usada como tratamento para outros membros da burguesia não pertencentes à nobreza e, em seguida, a significar um tratamento respeitoso, designando qualquer português que não se poderia tratar por *Vossa Senhoria* ou por *tu* (considerado bastante íntimo).

A evolução dessa forma, depois de ampla expansão social de seu uso, deu-se em duas direções: por um lado, ela manteve sua integridade formal e seu valor como uma forma de tratamento relativamente respeitosa num estilo cuidadoso entre a pequena burguesia urbana, mas, por outro, foi-se arcaizando durante os séculos XVII e XVIII, ao mesmo tempo em que sua rival abreviada (*você*) se tornava dominante (FARACO, 2017). Esse processo de mudança evidencia o grau em que os fatores sociais interferem na língua, o grau em que seu uso reflete as experiências sociais de uma comunidade, suas crenças e sua estrutura social.

De acordo com Menon (2000), embora não se saiba ao certo que tipo de português era falado no Brasil no início do século XVI, pode-se pensar que essa situação linguística foi trazida para a colônia pelos colonizadores vindos de todas as partes de Portugal. Além disso, é preciso lembrar que o incipiente processo de alfabetização foi realizado pelos jesuítas, que também inseriram no Brasil suas crenças, língua e cultura.

Em relação aos pronomes *tu* e *você* no Brasil, essas duas formas coexistiram por muito tempo, já que, no século XVII, o pronome *você* já era usado no PB (MENON, 2009), embora, até o século XIX, predominasse o uso de *tu*. Entretanto nas décadas de 20 e 30 do século XX, essa coexistência quase desapareceu em algumas variedades, com predomínio do uso de *você*. Atualmente, essa predominância de *você* em relação a *tu* é incontestável, fato evidenciado em muitos trabalhos sociolinguísticos.

Os resultados desses estudos permitem contatar que se usa o pronome *tu* para tratamento informal e que *você* foi usado por muito tempo para o tratamento formal no PE. Somente a partir do século XVI, com a decadência de *Vossa Mercê* e *vós,* é que *você* passou a competir em Portugal com a forma *tu*. Segundo Menon (2000), essas formas de uso configuravam o português falado no Brasil no início da colonização, já que a maior parte dos colonizadores era portuguesa. Afirma, ainda, que o uso pioneiro de *você* é da década de 1880, sendo sua primeira datação do século XII.

2. Contexto da pesquisa e procedimentos metodológicos

2.1 História social de Rio Branco

A cidade de Rio Branco, capital do Estado do Acre, foi fundada em 1882, com o nome de Seringal Empreza, pelo imigrante cearense Neutel Maia. Em 1904, após a anexação definitiva do Acre ao Brasil, Rio Branco foi elevada à categoria de vila, tornando-se sede do departamento do Alto Acre. Em 1909 passou a ser denominada Penápolis (em homenagem ao então presidente

Afonso Pena) e, em 1912, recebeu o nome de Rio Branco, em homenagem ao Barão do Rio Branco, chanceler brasileiro, cuja ação diplomática resultou no Tratado de Petrópolis que permitiu a anexação do Acre ao território brasileiro. Em 1919 tornou-se município; em 1920, capital do território do Acre; e, em 1962, capital do Estado (TOCANTINS, 2001).

Figura 1: Aspecto urbano da cidade de Rio Branco (1882 e 1920)

Fonte: ContilNetnotícias.com.br

De acordo com a estimativa do IBGE de 2024, a cidade tem uma população de 387.852 habitantes, o que a coloca como a sexta maior cidade da Região Norte. Sua área territorial é de 9.222,58 km², o que lhe dá a posição de quinto município do estado em tamanho territorial. De toda essa área, 44,90 km² pertencem ao perímetro urbano.

Figura 2: Aspecto urbano da cidade de Rio Branco em 2024

Fonte: ContilNetnotícias.com.br

O processo de formação da população acreana iniciou-se no século XIX. Agregaram-se aos índios, os nordestinos, principalmente cearenses, que ali chegaram, maciçamente, durante o período de ouro da borracha (1880-1913). Também afluíram paulistas, gaúchos, mato-grossenses dentre outros, que contribuíram para esse processo de formação. Houve ainda a influência de povos vindos de outras regiões do mundo, como turcos, portugueses, espanhóis. Foi a partir da miscigenação desses povos que se consolidou a formação social da população acreana (TOCANTINS, 2001).

Por conseguinte, a população rio-branquense é fundamentalmente heterogênea. Como se sabe, o povo do Acre é formado por uma diversidade de sujeitos com diferentes culturas e é, exatamente, a partir dessa fusão de sujeitos e culturas que se constitui o que chamamos de povo acreano e cultura acreana.

Atualmente, Rio Branco dispõe de uma variedade diversificada de grupos populacionais, que contribuem, significativamente, para a formação evolutiva de toda a sociedade, proporcionando mudanças tanto no sujeito quanto na língua.

2.2 Procedimentos metodológicos

A investigação das formas *tu* e *você* tem base no Banco de Dados do Projeto Estudo da fala Urbana de Rio Branco Acre[1], composto por entrevistas da fala natural, baseado em narrativas de experiência pessoal, realizadas no período de 1998 a 2011. O número de informantes por células corresponde à quantidade mínima. Solicitou-se aos informantes que falassem espontaneamente sobre a escolarização, descrevendo suas escolhas de vida e suas experiências pessoais. A coleta de dados seguiu o modelo proposto pela teoria sociolinguística, em que os informantes são escolhidos de forma aleatória, o que possibilitou a participação de todos os membros da

1 Parte do banco de dados do grupo de pesquisa Ecossistema linguístico do Acre-GELAC foi utilizado como *corpus* de dissertação de Mestrado (SILVA, 2013)

comunidade estudada, divididos por sexo, escolaridade, faixa etária, conforme representado no quadro 1.

Quadro 1- Estratificação da amostra examinada

FAIXA ETÁRIA /ESCOLARIDADE		**MAS**	**FEM**	**SUBTOTAL**	**TOTAL**
7 A 15 ANOS	1º C EF	06	04	10	37
	2º C EF	08	09	17	
	ENS. M	06	04	10	
	SUPERIOR	00	00	00	
16 A 25 ANOS	1º C EF	00	00	00	19
	2º C EF	01	-	01	
	ENS. M	02	05	07	
	SUPERIOR	07	04	11	
26 A 40 ANOS	1º C EF	-	03	03	15
	2º C EF	-	-	-	
	ENS. M	02	02	04	
	SUPERIOR	05	03	08	
41 A 55 ANOS	1º C EF	01	03	04	13
	2º C EF	-	-	-	
	ENS. M	03	01	04	
	SUPERIOR	01	04	05	
+ DE 55 ANOS	1º C EF	05	07	12	12
	2º C EF	-	-	-	
	ENS. M	-	-	-	
	SUPERIOR	-	-	-	
SUBTOTAL	1º C EF	12	17	29	96
	2º C EF	09	09	18	
	ENS. M	13	12	25	
	SUPERIOR	13	11	24	
		47	49		
		96			

Fonte: SILVA, 2019, p. 85.

O procedimento usado nas entrevistas envolveu a seleção de diversos bairros, do perímetro urbano de Rio Branco. No primeiro momento da entrevista ocorreu uma conversa informal, com o intuito de criar uma aproximação entre o pesquisador e o informante, e somente depois, realizou-se a gravação. Para garantir a representatividade do *corpus* e, ao mesmo tempo, minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador e pela presença do uso do gravador, isto é, para neutralizar o paradoxo do observador (LABOV, 2008 [1972]), levantou-se, como método de coleta, narrativas de experiência pessoal. À coleta de dados, seguiu-se normalmente a transcrição das entrevistas. É nesse espaço de transcrição que se identificam as ocorrências de usos do fenômeno variável em estudo, os pronomes *tu e você*, e em seguida, a devida codificação e análise estatística.

A análise dos dados partiu dos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG (2006 [1968]. Um princípio relevante defendido por essa vertente é o de que a heterogeneidade é uma propriedade constitutiva da linguagem. Se, por um lado, os sistemas linguísticos são representados por estruturas sistematicamente organizadas, por outro, a diversidade é uma propriedade funcional e inerente ao sistema linguístico, e o papel da sociolinguística é exatamente enfocá-la como objeto de estudo. A língua, por ter natureza social e interacional, acaba por representar as divisões sociais e os usos no contexto social da comunidade. A sociolinguística trata da estrutura e evolução da língua, encaixando-a no contexto social da comunidade (CAMACHO, 2013, p. 60).

A investigação do objeto de estudo tem como geral a hipótese de que, por um lado, tratar-se-ia aqui de um objeto probabilístico, um caso de variação em que as duas variantes nela envolvidas têm o mesmo valor funcional. Abordaremos aqui o fenômeno de uma perspectiva tanto qualitativa quanto quantitativa por entender que a análise executada nesse viés proporciona ao pesquisador resultados mais consistentes para explicar os significados de usos das formas *tu* e *você*.

A análise quantitativa da alternância dos pronomes *tu* e *você* em uso na comunidade rio-branquense tem por base o pacote de programas estatísticos Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTI; SMITH, 2005), um modelo matemático aplicado pela Sociolinguística Variacionista, que fornece o peso relativo dos fatores de cada variável independente, ou de cada grupo de fatores em relação à variável dependente.

Os pesos relativos que caracterizam o modo de funcionamento do fenômeno variável estudado são obtidos com base na interação estatística que contém, conjuntamente, todas as variáveis selecionadas como significativas pelo programa. Para uma variável dependente binária, como a que se investiga aqui, valores probabilísticos próximos a 0,5 são considerados neutros, isto é, nem favorecedores e nem desfavorecedores de qualquer uma das variantes que constituem a variável. Valores superiores a 0.5 são considerados favorecedores e valores inferiores a 0.5 são considerados desfavorecedores. Quanto à questão da significância, o referido programa trabalha com uma margem de erro de 0.5, de modo que qualquer fator com significância acima desse valor é considerado, estatisticamente, relevante pelos critérios estabelecidos pelo programa (GUY; ZILLES, 2007).

A alternância entre os pronomes *tu* e *você* vem sendo estudada por vários pesquisadores de diferentes perspectivas teóricas (MENON, 2000; LORENGIAN-PENKAL, 2004; LUCCA, 2005; DIAS, 2007; LOPES, 2007; FRANCESCHINI, 2011). Foi com base nos resultados dessas pesquisas que selecionamos as variáveis independentes e as hipóteses em relação a variável *tu* e *você* no Acre.

Como o objetivo da pesquisa é analisar a variação no modo de tratar a segunda pessoa do discurso, as variáveis dependentes são, por definição, os pronomes *tu* e *você*, circunscritos, no entanto, à função de sujeito. Para a análise do fenômeno em estudo apresentamos, inicialmente, algumas hipóteses e perguntas de pesquisa que nos parecem relevantes responder.

a. Há uma alternância de uso entre os pronomes *tu* e *você* no falar acreano e a forma *tu* seria mais empregada do que *você* em virtude da migração nordestina para o Acre durante o surto da borracha.

b. Em função da ausência de concordância de 2ª pessoa com *tu* e do fato de *você* preservar a concordância típica de 3ª pessoa das formas de tratamento, os dados tenderiam ao preenchimento da posição de sujeito, dando suporte ao parâmetro do sujeito não nulo do português brasileiro.

c. A primeira forma usada na sequência discursiva condicionaria o uso das formas seguintes. Trata-se aqui da aplicação de um princípio do paralelismo formal, termo originalmente cunhado por Poplack (1980) e exaustivamente discutido nos estudos variacionistas do Brasil, após o trabalho pioneiro de Scherre (1988). Mediante esse princípio, o português e o espanhol porto-riquenho seguiriam um modelo recursivo mediante o qual, no processo de concordância nominal e verbal, marcas de plural levam a marcas e zeros levam a zeros.

d. A forma *tu* seria a variante conservadora e a forma *você* a forma inovadora. Essa distribuição corresponderia a diferenças geracionais e à distribuição de prestígio e estigmatização às duas variantes. Nesse caso, haveria uma correlação entre o grau de escolaridade e a atribuição de prestígio: quanto maior o grau de escolaridade tanto maior o uso da variante de prestígio.

e. Ser mulher com maior grau de escolaridade favoreceria potencialmente o uso da forma de prestígio.

f. Por ser a variante *tu* a forma conservadora, seria ela a empregada com maior frequência pelos informantes mais idosos, restando à variante *você* ser empregada com maior frequência por jovens e adolescentes.

g. Caracterizaria a variedade rio-branquense o subsistema você/tu sem possibilidade de concordância.

A confirmação ou refutação dessas hipóteses assenta-se nas seguintes perguntas de pesquisa:

(i) Na alternância entre *tu* e *você*, seria a primeira variante a mais usada em razão de um comprometimento diacrônico da variável com a história

social do Acre, em decorrência do processo migratório de nordestinos no século XIX com o surto da borracha?

(ii) A natureza da concordância não padrão de *tu* e da concordância canônica de *você*, sempre levando o verbo para a 3ª pessoa do singular, motivaria o preenchimento da posição de sujeito?

(iii) Haveria o efeito de paralelismo formal na escolha de uma das duas formas pronominais na sequência textual?

(iv) O uso de *tu*, identificado como a variante conservadora, seria entendido como o registro prestigioso na fala de mulheres com maior grau de escolaridade?

(v) Os falantes mais idosos dariam preferência ao uso de *tu* em detrimento de *você* e os mais jovens, preferência pelo uso de *você* em detrimento de *tu* em razão do caráter mais conservador de *tu*?

(vi) A forma de prestígio estaria correlacionada ao uso de falantes com maior grau de escolaridade?

Conforme o modelo teórico adotado, a operacionalização dessas hipóteses e a resposta a essas perguntas se farão mediante o levantamento de grupos de fatores ou variáveis independentes de natureza interna e externa. Nesse caso, consideramos para análise os seguintes grupos de fatores: preenchimento do sujeito (preenchido e vazio); formas de recursividade ou paralelismo formal (ocorrências isoladas, paralelismo binário, paralelismo ternário, paralelismo eneário; formas de concordância verbal. Quanto às variáveis sociais, selecionamos para esta análise quatro tipos: gênero/sexo: masculino e feminino; grau de escolaridade: ensino fundamental, ensino médio e ensino superior; cinco faixas etárias: 7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 40 anos, 41 a 55 anos e + de 55 anos; origem geográfica dos pais do informante: Acre, Nordeste, Sul e outras regiões do Brasil. Escolhemos essas variáveis linguísticas e sociais por elas apresentarem maior relevância nas explicações e análises dos resultados de trabalhos anteriores, já citados acima, sobre o fenômeno em estudo.

3. O uso variável dos pronomes de 2ª pessoa

3.1. Resultados gerais comparativos

Os usos da amostra permitem constatar, na variedade rio-branquense, quatro formas de expressão dos pronomes de referência à 2ª pessoa: *tu, você, ocê e cê*, conforme mostram os exemplos (1-4).

(1) Tu acha eu num acho não. (Corpus GELAC – Entr. 8)

(2) ...porque eu acho que, pra você, se você, pra você viver bem não precisa você se prender a ninguém... (Corpus GELAC – Entr. 47)

(3) É bom; cê cresce muito né, ispiritualmente. (Corpus GELAC – Entr. 76)

(4) ...qui ocê nunca sabe o qui vai acontecer nu futuro, então ocê tem qui busca é ampliar o seu conhecimento aí por fora... (Corpus GELAC – Entr. 76)

Codificamos as ocorrências de *ocê* e *cê* como *você*, uma vez que é tão reduzido o número dessas formas que os resultados poderiam ser prejudicados por falta de ortogonalidade (GUY; ZILLES, 2007). Com efeito, há 5 ocorrências de *cê* e 1 apenas de *ocê*. Além disso, essas formas de redução de *você* constituem outra variável com estatuto próprio, devendo, por isso, receber uma análise separada. O que interessa a esta causa é, na realidade, a diferença entre qualquer variante do pronome *você* e o pronome *tu*.

Dos 96 falantes rio-branquenses, 12 fazem uso apenas da forma pronominal *você* e, somente 2 informantes utilizam em seu discurso apenas o pronome *tu*, ambos do sexo feminino. Essa distribuição significa que a maioria dos informantes rio-branquenses emprega, variavelmente, uma e outra forma pronominal para representar a 2ª pessoa do discurso, totalizando 85,4% dos informantes investigados.

Excluídos os informantes que são falantes de uma única forma das duas variantes, o primeiro parâmetro estabelecido pelo Goldvarb X foi calcular, na amostra, o conjunto de dados que representa as variáveis dependentes, para, em seguida, quantificar o comportamento das duas variantes em relação às outras variáveis, consideradas independentes.

Olhando para a variável dependente isoladamente, chegamos a um total de 221 ocorrências, das quais 29,4% (65/221) são casos de uso do pronome *tu* e 70,6% (156/221) são casos de uso do pronome *você*, como exposto na Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição do uso das formas pronominais *tu* e *você*

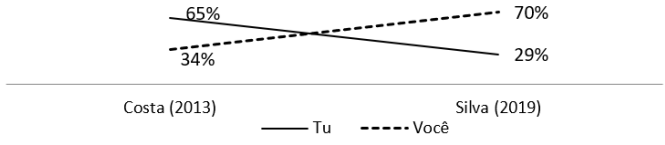
Variáveis Dependentes	N/total	%
Tu	65/221	29.4
Você	156/221	70.6

Fonte: SILVA, 2019, p. 104.

Os resultados permitem afirmar que é notadamente majoritário o uso de *você* pelos falantes rio-branquenses em comparação ao uso de *tu*. É preciso ressalvar, no entanto, que esse forte favorecimento do pronome *você* não implica afirmar que a forma *tu* esteja em processo de desaparecimento. O máximo que se pode deduzir é que pode estar em curso na variedade rio-branquense um processo de mudança com o favorecimento da forma *você*. Esses resultados gerais corroboram os encontrados por Cardoso et al. (2014) no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Com efeito, Cardoso et al. (2014) afirmam que, por ser *você* a forma pronominal mais usada nas capitais do Norte e Nordeste, essa distribuição de frequência é indício de um processo de mudança em curso.

Diferentemente dos dados discutidos por Cardoso et al. (2014)[2], estudando os pronomes *tu* e *você* nas capitais da Região Norte, Costa (2013) mostra um uso mais frequente da forma pronominal *tu*: com efeito, de 59.2% (431/727) das ocorrências detectadas são do pronome *tu* e 40,7% (296/727), do pronome *você*. Na cidade de Rio Branco, a variedade aqui enfocada, Costa (2013) mostra haver uma frequência de 65% (95/145) de casos de *tu*. Esse índice não deixa de ser intrigante, se comparado aos desta pesquisa, cujos resultados, mostrando-se mais favoráveis ao uso de *você*, apontam para uma orientação completamente inversa aos de Costa (2013), conforme apresentado no Gráfico 1.

Gráfico 1: Médias de uso de *tu* e *você* em Rio Branco, conforme Costa (2013) e Silva (2019)



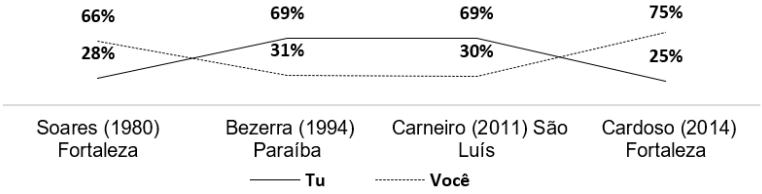
Fonte: SILVA, 2019, p. 105

Talvez a explicação dessa divergência possa ser atribuída aos tipos de *corpora* analisados e aos procedimentos de coleta de dados com base na metodologia do ALib aplicada por Costa, que se limita a perguntas e respostas. Nós, ao contrário, coletamos entrevistas de narrativas pessoais, conforme procedimento amplamente utilizado pela sociolinguística variacionista e adotado pelo Banco de Dados do Grupo de Pesquisa Geolinguística do Acre-GELAC. Já os dados das variedades do Nordeste apontam também, nos estudos de Bezerra (1994) e Carneiro (2011), para uma maior frequência

2 Como Cardoso et al. (2014) não apresentam em sua pesquisa valores percentuais exatos, não foi possível inserir no gráfico seus resultados. Os valores apresentados são de 0 a 100%, sendo que para o uso do *tu* está entre 25 e 50% e o de *você*, entre 51 e 75%.

da variante *tu* em detrimento de *você;* Soares (apud DIAS, 2007, p. 38-39) e Cardoso et al. (2014) constatam a predominância da variante *você*. Os resultados gerais desses trabalhos permitem afirmar que as variedades do nordeste dão preferência majoritária ora à forma *você* inovadora (Fortaleza) ora à forma *tu* conservadora (Paraíba e São Luís). Para uma perspectiva comparativa, apresentamos esses dados no Gráfico 2.

Gráfico 2: Médias de usos das formas pronominais *tu* e *você* na Região Nordeste



Fonte: SILVA, 2019, p. 106.

Comparados os resultados de Rio Branco com os das pesquisas acima mencionadas, é possível concluir pela existência de uma divergência entre as variedades na distribuição de *tu* e *você*: nas variedades de Paraíba e São Luís, privilegia-se o uso de *tu*, enquanto, na de Fortaleza, predomina o uso de *você*, como ocorre com os resultados relativos à variedade rio-branquense, em que pese estar à cidade localizada na Região Norte do país. A diferença entre a parte ocidental e a parte oriental da Região Norte/Nordeste parece correlacionar-se também a uma diferença significativa entre as variedades.

Os dados deixam apenas a certeza de não existir ainda cenário possível nas regiões Norte e Nordeste para a substituição de *tu* por *você.* O que ocorre de fato é uma alternância entre essas duas formas em todas as variedades comparadas, inclusive na rio-branquense, como especificado na Tabela 1 acima. Pode-se registrar, todavia, o caso divergente antes mencionado: a grande diferença de frequência entre os dados desta pesquisa e os de Costa

(2013), o que pode estar, de qualquer modo, correlacionado a uma diferença de metodologia.

Antes de iniciarmos a apresentação dos resultados estatísticos obtidos pelo Goldvarb X com base no processamento de todos os grupos de fatores, lembramos que é a análise das variáveis independentes em correlação às variáveis dependentes que nos permite mapear, especificamente, as ocorrências mais relevantes na escolha de usos dos pronomes *tu* e *você*, mostradas pelos valores percentuais e pesos relativos. A análise multivariada do Goldvarb X permite ao pesquisador não somente observar as tendências de usos dos falantes acreanos de Rio Branco, como também mapear, detalhar, e relativizar alguns resultados que, muitas vezes, passam despercebidos por não serem variáveis relevantes de análise. Diante desses objetivos, apresentamos a seguir três rodadas de análises diferentes, a partir dos resultados obtidos pela aplicação do programa estatístico.

3.2. O uso das formas pronominais *tu* e *você na comunidade rio branquense*

O preenchimento do sujeito foi um dos grupos de fatores linguísticos submetido à análise do GoldVarb X considerado como relevante para a pesquisa. Os resultados estão expostos na Tabela 2.

Tabela 2: Relação entre preenchimento do sujeito e o uso de tu e você

Preenchimento do sujeito	Tu		Você	
	Freq	**%**	**Freq**	**%**
Preenchido	51/124	41.1	73/124	58.9
Não preenchido	0/4	0.0	4/4	100.0
Total	51/128	39.5	77/128	60.2

Fonte: SILVA, 2019, p. 112.

Levantamos como hipótese verificar se o preenchimento do sujeito é relevante tanto para o uso de *tu* quanto para o uso de *você* em razão de ser, indiferentemente na pessoa não marcada de terceira, a relação de concordância com as duas formas na posição de sujeito. Os dados computados mostram certo comprometimento do falante com um aspecto funcional, já conhecido na literatura, que é o enfraquecimento do sistema flexional do português brasileiro com frequência diretamente proporcional de preenchimento: do total das ocorrências, 58.9% (73/124) de uso de *você* configuram casos de preenchimento do sujeito e 41.1% (51/124) de *tu*. Os resultados obtidos fornecem evidência de que a variedade falada na Capital do Acre segue a tendência do português brasileiro para a substituição do parâmetro do sujeito nulo pelo parâmetro de sujeito não nulo.

Passemos, agora, a ver, na Tabela 3, a relação entre a variável dependente e a natureza do discurso, se direto ou reportado.

Tabela 3: Relação entre a variável e a natureza do discurso

Natureza do discurso	Tu			Você		
	Freq	**%**	**Peso**	**Freq**	**%**	**Peso**
Discurso direto	21/64	32.8	0.41	43/64	67.2	0.59
Reportado por terceiro	23/50	46.0	0.57	27/50	54.0	0.43
Reportado pelo entrevistado	7/14	50.0	0.61	7/14	50.0	0.39
Total	51/128	39.8		77/128	60.2	
Input	0.389					
Significância	0.019					
Log likelihood	-82.038					

Fonte: SILVA, 2019, p. 115.

Os dados da Tabela 3 permitem afirmar que o contexto de discurso direto favorece o uso do pronome *você* (0.59) e desfavorece o do pronome *tu* (0.41); o contexto de discurso reportado por terceiro e o de discurso reportado pelo próprio entrevistado apontam para um favorecimento das duas variantes, com uma frequência mais elevada para *tu* com base nos pesos relativos. Esses

valores apresentam evidência contrária à nossa hipótese inicial de que o tipo de discurso poderia exercer influência significativa na escolha da forma pronominal, especialmente, porque o pronome preferido pelos rio-branquenses, a forma *você*, tem maior incidência no discurso direto tanto se visto da perspectiva do subconjunto, 67.2% (43/64) quanto da perspectiva do total (60.2%).

Outro grupo considerado como relevante na escolha dos pronomes *tu* e *você* pela comunidade de Rio Branco foi o gênero/sexo do informante, como mostrado na tabela 4.

Tabela 4- Relação entre a variável e o **gênero/sexo**

Gênero/Sexo	Tu			Você		
	Freq	**%**	**PR**	**Freq**	**%**	**PR**
Masculino	22/63	34.9	0.44	41/63	65.1	0.56
Feminino	29/65	44.6	0.55	36/65	55.4	0.45
Total	51/128	39.8		77/128	60.2	
Input	0.391					
Significância	0.197					
Log likelihood	- 82.868					

Fonte: SILVA, 2019, p. 115.

Os resultados indicam que nossa hipótese se confirma, já que a variante *tu*, considerada potencialmente conservadora, é favorecida na fala das mulheres. De qualquer modo, indiferentemente de gênero/sexo, emprega-se com maior frequência a forma inovadora *você*. A comparação dos valores absolutos possibilita notar que o discurso dos homens favorece com maior frequência o pronome *você*, com um índice de 65.1% (41/63), também evidenciado pelo PR de 0.56, enquanto o uso de *tu* é mais favorecido no discurso das mulheres, mas com uma discrepância entre frequência, 44,6% (29/65), e peso relativo, 0.55. As diferenças são pouco significativas para ser possível deduzir que os dados apontariam mais para o apego dos homens pela

forma inovadora *você* do que das mulheres e que a preferência feminina por *tu* indicaria atribuição de prestígio encoberto.

Uma comparação com trabalhos anteriores mostra resultados convergentes. Em sua análise da fala de crianças na Paraíba, Bezerra (1994) verifica que as meninas usam mais a forma pronominal *tu* (71%) que os meninos (65%). Ao examinar, a alternância *tu/você/senhor* no município de Tefé, Estado do Amazonas, na fala de 15 homens e 15 mulheres, Martins (2010) constata o emprego do pronome *tu* com maior frequência pelas mulheres e crianças, estando *você* mais presente no discurso masculino.

O último grupo que foi escolhido na análise como relevante para o uso dos pronomes *tu* e *você* é a origem geográfica do pai dos informantes. Nossa hipótese principal é a de que o pronome *tu* seria a forma favorecida por falantes com descendência nordestina, considerando que o uso da forma pronominal *tu* na variedade acreana pode ser, de fato, uma herança da colonização nordestina na época do surto da borracha, resultados que se comprovam nos dados do ALiB (CARDOSO ET AL., 2014): nas variedades nordestinas, o pronome *tu* é mais frequentemente usado do que nas outras regiões do Brasil. Os nossos resultados acham-se expostos na tabela 5.

Tabela 5: Relação entre a variável e origem geográfica do pai

Origem geográfica do pai	Tu			Você		
	Freq	**%**	**PR**	**Freq**	**%**	**PR**
Acre	30/63	47.6	**0.59**	33/63	52.4	0.41
Região Sul	2/2	100.0	-	0/2	0.0	-
Região Nordeste	16/53	30.2	0.40	37/53	69.8	**0.60**
Outras	3/10	30.0	0.40	7/10	70.0	**0.60**
Total	51/128	39.8		77/128	60.2	
Input	0.388					
Significância	0.116					
Log likelihood	-81.512					

Fonte: SILVA, 2019, p. 122.

Os dados processados mostram que o uso de *você* predomina sobre o de *tu*, em termos de frequência. No caso de pais de origem acreana, parece ocorrer um favorecimento ligeiro, pouco acima da média, para o uso de *tu*. Já no caso de pais de origem nordestina, o uso de *você* sobressai em detrimento do *tu*.

No contexto de referência da região sul, aparecem apenas casos de *tu*, diferentemente do modo como esse fator é visto em outras regiões em que se apresentam tanto o uso do pronome *tu* (3/10) quanto o de *você* (7/10). Os pesos relativos indicam que, no discurso de informantes com pai de origem acreana, a forma favorecida é *tu*; quando, por outro lado, o informante tem pai originário de outras regiões e da Região Nordeste, o favorecimento de uso recai sobre o pronome *você*.

Procurando examinar a que faixa etária e a que nível de escolaridade pertencem os falantes com pais de origem acreana, nordestina e outras regiões, realizamos cruzamentos entre esses grupos. Os resultados permitem contatar que os informantes com pais acreanos pertencem a todas as faixas etárias; quanto aos informantes com pais de origem nordestina, a maioria deles pertence à faixa etária mais elevada, a de informantes com mais de 55 anos, conforme mostra a Tabela 6.

Tabela 6: Relação entre origem geográfica do pai do informante e faixa etária

	Acre				**Outras regiões**				**Nordeste**			
	Tu		**Você**		**Tu**		**Você**		**Tu**		**Você**	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	**N**	**%**
7-15 anos	4	25	12	75	1	50	1	50	0	-	1	100
16-25 anos	5	56	4	44	2	50	2	50	0	-	1	100
26-40 anos	10	59	7	41	0	-	3	100	3	25	9	75
41-55 anos	7	47	8	53	0	-	0	-	5	56	4	44
+ de 55 anos	4	80	1	20	0	-	1	100	8	27	22	73
Total	30	48	32	52	3	30	7	70	16	30	37	70

Fonte: SILVA, 2019, p. 123.

Vejamos agora a Tabela 7, em que se cruzam origem geográfica do pai do informante e escolaridade.

Tabela 7: Relação entre origem geográfica do pai do informante e escolaridade

	Acre				**Outras regiões**				**Nordeste**			
	Tu		**Você**		**Tu**		**Você**		**Tu**		**Você**	
	N	**%**	**N**	**%**	**N**	**%**	**N**	**%**	**N**	**%**	**N**	**%**
Fundamental	9	53	8	47	1	50	1	50	16	31	35	69
Médio	15	44	19	56	0	-	1	100	0	-	1	100
Superior	6	55	5	45	2	29	5	71	0	-	1	100
Total	30	48	32	52	3	30	7	70	16	30	37	70

Fonte: SILVA, 2019, p. 123.

Os dados expostos na Tabela 7 permitem constatar que a maior parte dos informantes com pais de origem nordestina dispõe de Ensino Fundamental, fato relevante para a nossa análise, já que, como vimos anteriormente, os informantes com Ensino Fundamental são representados pelos grupos de faixa etária mais baixa e pelo de faixa etária mais elevada.

O último grupo de fatores selecionado pelo GoldVarb X é origem geográfica da mãe. Esse grupo de fatores foi incluído com o objetivo de verificar se o fenômeno variável investigado – a alternância entre *tu* e *você* – teria algo a ver com a influência de variedades nordestinas, especialmente a cearense, que foi levada para o Estado do Acre, na época do surto econômico da borracha, por imigrantes em busca de emprego e melhores condições de vida. Os dados desse grupo de fatores estão expostos na Tabela 8.

Tabela 8- Relação entre a variável e origem geográfica da mãe

Origem geográfica da mãe	Tu			Você		
	Freq	**%**	**PR**	**Freq**	**%**	**PR**
Acre	32/70	45.7	**0.57**	38/70	54.4	0.43
Região Nordeste	9/39	23.1	0.32	30/39	76.9	**0.68**
Outras regiões	8/16	50.0	**0.61**	8.16	50.0	0.39
Total	49/125	39.2		76/125	60.8	
Input	0.384			**0.616**		
Significância	0.041					
Log likelihood/grupo	-80.421					
Log likelihood/regra	-83.704					

Fonte: SILVA, 2019, p. 124.

Os pesos relativos evidenciam que o uso do pronome *tu* é favorecido na comunidade rio-branquense, quando os falantes têm mãe oriunda de outras regiões (0.61) e mãe acreana (0.57), apresentando o valor do peso relativo acima do ponto neutro. O uso de *você* é favorecido por informantes com mães originárias do Nordeste (0.68), caso em que, há uma convergência marcante entre frequência percentual (76,9%) e peso relativo. Os resultados baseados na origem da mãe convergem em grande parte com os baseados na origem do pai, embora o Goldvarb X tenha selecionado apenas os primeiros por sua relevância.

Para esclarecer a que regiões pertencem as mães dos informantes incluídas no rótulo "outras regiões", realizamos um levantamento desse quesito em nosso banco de dados. A manipulação da ficha dos informantes permitiu constatar que 3 de 5 informantes têm mães originárias de Manaus, de Porto Velho e do Espírito Santo. As informações sobre a origem desses informantes mostram ser possível confirmar a existência de uma convergência entre a variedade de Manaus e português falado na capital do Acre no tocante ao uso da forma pronominal *tu,* considerando especialmente que a pesquisa de Costa (2013) aponta para um favorecimento do uso de *tu*

em Manaus. Esses dados diferem dos resultados de pesquisas envolvendo as regiões de Porto Velho e Capixaba, que apresentam um favorecimento da forma *você* (CALMON, 2010).

Para analisar a que faixa etária e a que nível de escolaridade pertencem os falantes com mães de origem acreana, nordestina e outras regiões, realizamos cruzamentos entre esses grupos, cujos resultados acham-se dispostos na Tabela 9.

Tabela 9: Relação entre origem geográfica da mãe do informante e faixa etária

	Acre				**Outras regiões**				**Nordeste**			
	Tu		**Você**		**Tu**		**Você**		**Tu**		**Você**	
	N	%	N	%	**N**	**%**	**N**	**%**	**N**	**%**	**N**	**%**
7-15 anos	5	26	14	74	0	-	0	-	0	-	0	-
16-25 anos	7	54	6	46	0	-	1	100	0	-	0	-
26-40 anos	8	62	5	38	3	33	6	67	2	20	8	80
41-55 anos	7	47	8	53	5	83	1	17	0	-	3	100
+ de 55 anos	5	50	5	50	0	-	0	-	7	27	19	73
Total	32	46	38	54	8	50	8	50	9	23	30	77

Fonte: SILVA, 2019, p. 125.

Os resultados mostram que os informantes cujas mães são da Região Nordeste não se incluem nas duas faixas etárias dos mais jovens, mas das mais idosas. Informantes com mães originárias de outras regiões pertencem ao grupo de faixas etárias intermediárias, ou seja, 26-40 e 41-55. Diferentemente dessa distribuição, os informantes cujas mães têm origem acreana pertencem a todas as faixas etárias estudadas.

Passemos agora a examinar os dados da Tabela 10, que mostra os resultados do cruzamento entre origem da mãe e escolaridade.

Tabela 10: Relação entre origem geográfica da mãe e escolaridade

	Acre				**Outras regiões**				**Nordeste**			
	Tu		**Você**		**Tu**		**Você**		**Tu**		**Você**	
	N	**%**	**N**	**%**	**N**	**%**	**N**	**%**	**N**	**%**	**N**	**%**
Fundamental	12	48	13	52	5	83	1	17	9	23	30	77
Médio	12	41	17	59	3	43	4	57	0	-	0	-
Superior	8	50	8	50	0	-	3	100	0	-	0	-
Total	32	46	38	54	8	50	8	50	9	23	30	77

Fonte: SILVA, 2019, p. 125.

Os resultados da tabela 10 permitem observar que mães de origem nordestina dispõem todas de Ensino Fundamental, diferentemente das mães de origem acreana e de outras regiões, que se distribuem pelos três níveis de escolaridades analisados.

Ao olharmos para a análise dos grupos origem geográfica do pai e origem geográfica da mãe, encontramos resultados significativos, já que, no caso de pais acreanos, a forma favorecida no uso dos informantes de Rio Branco é o pronome *tu*; no caso de pais de origem nordestina, é *você* a forma mais frequente. A tabela 11 mostra os resultados agregados para efeitos comparativos.

Tabela 11: Relação entre a variável e origem geográfica do pai e da mãe do informante

Origem geográfica	**Tu**		**Você**	
	Mãe	**Pai**	**Mãe**	**Pai**
Acre	**0.57**	**0.59**	0.43	0.41
Nordeste	0.32	0.40	**0.68**	**0.60**
Outras	**0.61**	0.40	0.39	**0.60**

Fonte: SILVA, 2019, p. 126.

É importante observar que a origem acreana do pai e da mãe do informante favorece discretamente *tu*, e não *você,* cujo uso é mais favorecido quando a origem do pai e da mãe é a nordestina. Como é possível que "acreano" aqui represente já a terceira geração de descendentes de migrantes nordestinos, é possível especular muito hipoteticamente que essa influência sinaliza na realidade a origem nordestina tardia dos pais. Já origem nordestina contemporânea aponta para a escolha de *você*. Portanto, é difícil simplesmente rejeitar a hipótese inicial de caráter sócio-histórico, mas também não é possível confirmá-la decisivamente, já que não temos evidências de que esses pais acreanos tenham de fato descendência nordestina, especialmente a cearense. O que se pode confirmar é que, na atualidade, o uso de *você* parece indicar influência da variedade nordestina sobre o falar da comunidade rio-branquense, ou no mínimo sintonia entre as duas variedades.

De todas as variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas, o GoldVarb X selecionou tão somente a origem geográfica da mãe como um grupo de fatores que possivelmente esteja influenciando o uso dos pronomes *tu* e *você*. O valor da significância garante que não há nenhuma possibilidade de ter esse grupo de fatores sido selecionado por acaso, aleatoriamente, já que apresenta o valor de significância de 0.004, próximo, portanto, de zero. Nos outros grupos de fatores analisados, temos valores de significância maiores que 0.005, evidenciando que esses grupos não apresentam nenhum efeito significativo para a aplicação das formas pronominais *tu* e *você*.

Os resultados dessa análise respondem a muitas perguntas da pesquisa, a primeira delas é a de que, das variáveis independentes analisadas, a mais relevante para determinar o uso das formas pronominais de 2ª pessoa é a origem geográfica da mãe, resultados alcançados com base na correlação entre todas as variáveis linguísticas e extralinguísticas aqui selecionadas. De qualquer modo, os resultados referentes às demais variáveis independentes, mesmo não tendo sido selecionadas pelo programa estatístico, evidenciam certo grau de pertinência em razão da possibilidade de compará-los com os

resultados, muitas vezes convergentes, de outras pesquisas sobre o mesmo fenômeno variável.

Considerações Finais

De modo geral, podemos constatar que a variação entre *tu* e *você* permitiu confirmar a hipótese geral de que a variedade rio-branquense consiste num subsistema "você/tu sem concordância", conforme proposta de Scherre et al. (2015)**.** A forma *você* ainda varia com as formas reduzidas *cê* e *ocê,* mas essa alternância não é obstáculo para o favorecimento do uso de *você* na variedade rio-branquense*,* dado que confirma o resultado de outras pesquisas sobre o mesmo fenômeno variável.

Como vimos na análise mais específica das relações entre a variável dependente e o grupo de fatores origem do pai, origem da mãe e idade dos informantes, nossa hipótese sobre a origem geográfica dos pais dos informantes acabou não se confirmando categoricamente, especialmente porque *você* é a forma preferida na variedade rio-branquense. Observa-se que são os falantes rio-branquenses com pais de origem nordestina que mais favorecem o uso do pronome *você*, e não de *tu* conforme esperávamos. Esse dado confirma os resultados apresentados nas pesquisas anteriores, inclusive a do ALiB (CARDOSO ET AL., 2014), que mostram que, na maior parte das variedades da Região Nordeste, a forma pronominal mais frequente de se referir à segunda pessoa é *você.*

Diante desses resultados, talvez seja possível inferir que o nordestino, no início da colonização, usasse o pronome *tu* com maior frequência que *você*, como previa nossa hipótese inicial, já que, de acordo com os resultados do ALiB, o Nordeste é uma das regiões do Brasil em que mais se encontra o uso dessa forma pronominal. Assim sendo, como os primeiros imigrantes nordestinos chegaram ao Acre, mais precisamente no Vale do Rio Acre, região de Rio Branco, por volta de 1878, talvez no discurso desses imigrantes predominasse *tu*. Reforça essa dedução o fato de as pesquisas diacrônicas

revelarem que, até o século XIX, predominava no PB o uso de *tu*. É somente nas décadas de 20 e 30 do século XX que o pronome *você* passa a alternar com *tu*, tornando-se, em algumas variedades, como a do Sudeste, o uso quase exclusivo de referência ao interlocutor.

Vale lembrar, a esse respeito, que os dados revelaram que a origem acreana do pai e da mãe do informante favorece discretamente o uso de *tu,* e não o de *você,* mais favorecido com base na origem nordestina do pai e da mãe. Se for possível, ao menos especulativamente, considerar que "acreano", quando atribuído aos pais dos informantes, represente já a terceira geração de descendentes de migrantes nordestinos, é possível confirmar, muito hipotética e especulativamente, que essa influência acreana sinalize na realidade a origem nordestina mais antiga dos pais, que mais tardiamente passa a apontar para a escolha de *você*. Portanto, se, por um lado, é difícil simplesmente rejeitar a hipótese inicial de caráter sócio-histórico, por outro, é também difícil confirmá-la definitivamente, já que não temos evidências de que esses pais acreanos tenham de fato descendência nordestina, especialmente a cearense.

Quando se olha apenas para o tipo de discurso, os resultados mostram que o contexto de discurso reportado favorece o uso do pronome *tu* e o de discurso direto, o uso de *você*. Parece haver na variedade de Rio Branco uma relação em que o uso de *tu* é favorecido por discurso direto e reportado por terceiros, o que comprova a baixa significação do tipo de discurso na seleção da forma pronominal.

Quanto ao paralelismo formal, formulamos a hipótese de que a primeira forma usada na sequência discursiva condicionaria o uso da mesma forma nos contextos de reiteração subsequente. Os dados mostram que o pronome *tu* é favorecido em ocorrências isoladas, e o pronome *você,* nas ocorrências binárias, ternárias e eneárias. Esses resultados permitem afirmar que a recursividade das formas representa uma significância de grau muito baixo, o que nos leva a deduzir, portanto, uma influência quantitativa e qualitativamente irrelevante do paralelismo formal, já que o uso de *você*,

que predomina nos dados em geral, em detrimento de *tu*, predomina também tanto em formas isoladas quanto em contextos de reiteração discursiva.

Outra hipótese é de que a forma *tu* é a variante conservadora e a forma *você* é a forma inovadora. A essa distribuição corresponderiam diferenças geracionais e uma distribuição de prestígio e estigma às duas variantes, em que seria possível detectar uma relação diretamente proporcional entre grau de escolaridade e atribuição de prestígio: quanto maior o grau de escolaridade tanto maior o uso da variante de prestígio.

Vinculada a essa hipótese geral, estaria a de que as mulheres com maior grau de escolaridade favoreceriam potencialmente o uso da forma de prestígio. Por fim, por ser a variante *tu* a forma conservadora, é ela que seria empregada com maior frequência pelos informantes de idade mais elevada, e a variante *você* seria empregada com maior frequência por jovens e adolescentes.

Os resultados da análise do grupo de fatores sexo/gênero indicam que nossa hipótese se confirma, ao menos parcialmente, já que o discurso feminino favorece o uso da variante *tu*, considerada como presumivelmente provida de menor grau de prestígio, já que circunscrita às relações interpessoais simétricas; em contraposição, o discurso masculino favorece o uso de *você*. De qualquer modo, indiferentemente às diferenças de sexo/gênero, emprega-se com maior frequência a forma inovadora *você*. Nesse caso, não é possível ainda fazer deduções sobre estigma e prestígio, embora em geral as mulheres mostrem tendência mais acentuada pelo uso da forma prestigiada.

Os resultados referentes à variável faixa etária apontam para o fato de que a forma mais frequente no falar rio-branquense é a forma potencialmente inovadora, no caso, o pronome *você*. Os resultados não confirmam uma correlação precisa entre o pronome *tu* e faixas etárias mais elevadas, por um lado, e, por outro, uma correlação precisa entre o pronome *você* e faixas etárias mais jovens. Esses resultados não permitem deduzir o desenvolvimento de um possível processo de mudança em curso, no uso das formas pronominais de 2ª pessoa do discurso, na variedade rio-branquense.

Os resultados da análise da relação entre a variável dependente e a escolaridade permitem constatar que a forma pronominal *você* é privilegiada por informantes de todos os níveis de escolaridade, mas apenas em termos de frequência percentual. Um olhar para os resultados traduzidos por pesos relativos aponta para uma espécie de distribuição complementar entre os três agrupamentos de informantes: estar no Ensino Fundamental favorece o uso de *tu* e estar no Ensino Médio e Superior favorece o de *você*. Esse resultado parece indicar que o uso de *você* tem maior grau de prestígio que o uso da forma *tu*. O máximo que se pode deduzir desses resultados é que eles confirmam nossa hipótese inicial de que a forma inovadora *você* é também a de maior grau de prestígio, por ter seu uso favorecido pelos informantes com grau mais elevado de escolaridade, e não a forma *tu*.

Para concluir, faz-se necessário reiterar que os resultados quantitativos aqui discutidos são sempre filtrados pelo crivo crítico do próprio pesquisador, que os vê de uma dimensão mais qualitativa. Por isso, faz-se necessário reiterar também que os resultados aqui discutidos são certezas obtidas no fio de arame, em que se pendura um equilibrista. É por isso que, de um ponto de vista metodológico, a única certeza que este trabalho oferece, é a de que estudar uma língua é aplicar o Paradoxo Cumulativo, como afirma Labov (2008, p. 236), segundo o qual quanto mais se conhece uma língua, mais é possível descobrir a respeito dela. Em que pesem todos os problemas enfrentados no desenvolvimento desta investigação, de resto, próprio da pesquisa científica, é um fato não sujeito a controvérsia que os resultados aqui discutidos ampliaram nossa compreensão do uso das formas pronominais *tu* e *você* na variedade falada em Rio Branco e do uso variável delas para a comunidade falante do português brasileiro em geral, na medida em que foi possível construirmos com este trabalho um degrau a mais na escada que fornece, do alto, um panorama da variação pronominal no português brasileiro.

Referências

BEZERRA, M. A. Uso de tu/você em interações infantis. **Revista Letras**. Campinas, n. 13, v. 1/2, p. 96-118, dez., 1994.

CALMON, E. N. **Ponte da passagem**: *você* e *cê* transitando na fala de Vitória (ES). 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

CARDOSO, S. A. M. da S. et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014. 2v.: p.368.

CARNEIRO, H. M. S**. As formas de tratamento tu/você no português falado ludovicense**. 2011, 204f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciência e Letras- UNESP, São Paulo, Araraquara, 2011.

CARVALHO, D. Uma proposta de estrutura interna para os pronomes pessoais no português brasileiro. **Signótica**, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 455-481, jul./dez. 2017.

COSTA, L. B. da. **Variação dos pronomes "tu"/"você" nas Capitais de Norte**. 2013, 94f. Dissertação (Mestrado em linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Paraná, Belém, 2013.

DIAS, E. P. **O uso do tu no português brasilense falado**, 114f. Dissertação (Mestrado em linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Português e língua Clássicas - Instituto de Letras da Universidade de Brasília-UNB, Brasília, 2007.

FARACO, C. A. O Tratamento de "você" em português*:* uma abordagem histórica. **LaborHistórico**, Rio Janeiro, v. 3, n.2, p.114-132, jul./dez. 2017.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC**. 2011, 253f. Tese (Doutorado em Letras)-Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná- UFP, Curitiba, 2011

GONÇALVES, S. C. L. Balanço crítico da Sociolinguística Variacionista no estado de São Paulo e a proposição de uma frente programática de investigação. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 41 (2): p. 869-884, maio-ago 2012.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**. Instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola editora, [1972] 2008.

LOPES, C. R. S. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, S. F. e VIEIRA, S. R. (Orgs.). **Ensino de gramática***:* descrição e uso. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

LOPES, C. R. S.; DUARTE, M. E. L. De vossa mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A.(Org.). **Análise contrastiva de variedade do português***:* primeiros estudos. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2003, p. 61-76.

LOPES, C.R.S.; RUMEU, M. C. Brito. O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos. In: CASTILHO, A. T. et alii (orgs.) **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. 1 ed. São Paulo/Campinas: FAPESP/Pontes Editores, 2007, v.1, p. 419-436.

LORENGIAN-PENKAL, L. **(Re) análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul**. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Curitiba, UFSC, 2004.

LUCCA, N. N. G. **A variação tu e você na fala brasilense**. 126f.Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Português e Línguas Clássicas - Instituto de Letras da Universidade de Brasília- UNB, Brasília, 2005.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal de português do Brasil. **Letras**, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.

MENON, O. P. S. Pronomes de segunda pessoa do Sul do Brasil*:* tu/você/o senhor em Vinhas da Ira. **Letras de Hoje**. Porto Alegre/RS, v. 35, n.1, p. 121-164, 2000.

MENON, O. P. S. Sobre a datação de *você*, *ocê* e *senhorita*. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v.6, n.1, p. 45-71, 2009.

POPLACK, S. Deletion and disambiguation in Puerto Rican Spanish. **Language**. Baltimore, v. 56, n.2, p. 371-85,1980.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SCHERRE, M. M. P.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C.; MARTINS, G. F. Variação dos pronomes "tu" e "você". In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 133-172.

SCHERRE, M.M.P. **Reanálise da concordância nominal em português**. Rio de Janeiro, 555 p. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

SILVA, M. R. *O***s pronomes nós e a gente no português falado em Rio Branco Acre**. Dissertação (Mestrado em Letras em Linguagem e Identidade) Universidade Federal do Acre- UFAC, 2013.

SILVA, M. R. ***Tu e você na variedade rio-branquense****:* um caso de variação ou de escolha funcional? Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista-São José do Rio Preto. 2019.

TOCANTINS, L. **Formação histórica do Acre**. Brasília: Senado Federal, 2001.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].